

Universidade multicampi entre lógicas rizomáticas e arborescentes

João Marcelino Pantoja Rodrigues
Gilmar Pereira da Silva
Universidade Federal do Pará (Brasil)

Resumo

O artigo analisa a configuração multicampi, característica da expansão das universidades públicas brasileiras, à luz do conceito deleuze-guattariano de rizoma. Por meio de análise teórico-conceitual, tomando como referência a Universidade Federal do Pará (UFPA), examinam-se aproximações entre o modelo multicampi e as lógicas rizomáticas, sem desconsiderar as tensões com formas arborescentes. Os resultados evidenciam elementos rizomáticos na dinâmica de funcionamento e expansão da universidade multicampi, ao mesmo tempo em que revelam permanências arborescentes. Argumenta-se que a articulação entre esses regimes organizacionais amplia a compreensão das estruturas universitárias contemporâneas, indicando o potencial das contribuições de Deleuze e Guattari para o estudo organizacional da educação superior.

Palavras-chave: Educação superior. Universidade multicampi. Rizoma. Arborescência.

Multicampus university between rhizomatic and arborescent logics

Abstract

This article analyzes the multicampus configuration, a characteristic of the expansion of Brazilian public universities, in light of the Deleuze-Guattarian concept of the rhizome. Through a theoretical-conceptual analysis, using the Federal University of Pará (UFPA, acronym in Portuguese) as a case study, the study examines affinities between the multicampus model and rhizomatic logics,

without disregarding the tensions with arborescent forms. The results highlight rhizomatic elements in the dynamics of operation and expansion of multicampus university, while also revealing persistent arborescent features. It is argued that the articulation between these organizational regimes broadens the understanding of contemporary university structures, pointing the potential of Deleuze and Guattari's contributions to the organizational study of higher education.

Keywords: Higher education. Multicampus university. Rhizome. Arborescent structures.

La universidad multicampus entre lógicas rizomáticas y arborescentes

Resumen

El artículo analiza la configuración multicampus, característica de la expansión de las universidades públicas brasileñas, a la luz del concepto deleuze-guattariano de rizoma. Mediante un análisis teórico-conceptual, tomando como referencia la Universidad Federal de Pará (UFPA), se examinan las aproximaciones entre el modelo multicampus y las lógicas rizomáticas, sin desconsiderar las tensiones con formas arborescentes. Los resultados ponen de manifiesto elementos rizomáticos en la dinámica de funcionamiento y expansión de la universidad multicampus, al mismo tiempo que revelan persistencias arborescentes. Se argumenta que la articulación entre estos regímenes organizativos amplía la comprensión de las estructuras universitarias contemporáneas, indicando el potencial de las contribuciones de Deleuze y Guattari para el estudio organizacional de la educación superior.

Palabras clave: Educación superior. Universidad multicampus. Rizoma. Estructura arborescente.

Introdução

A história da universidade no Brasil tem como uma de suas características mais emblemáticas o desenvolvimento e a expansão do modelo multicampi. Todavia, estudos de pesquisadores/as como Fialho (2005) e,

mais recentemente, Abreu Júnior (2017) demonstram a incipiência da literatura no âmbito dessa temática, particularmente no que tange ao entendimento do próprio conceito de universidade multicampi, à compreensão das peculiaridades intrínsecas ao seu modelo de organização e funcionamento e, enfim, ao que a distingue de outros formatos de configuração universitária.

Abreu Júnior (2017) nos mostra que também não se encontram, na legislação brasileira, definições ou menções equivalentes quanto às formas pelas quais as instituições universitárias possam se organizar e direcionar suas atividades:

Retornando à realidade educacional brasileira de nível superior, não foi encontrada na legislação qualquer menção autorizadora ou normativa de como devem se organizar os sistemas de educação superior. Se devem se organizar na forma de uma única instituição, se na forma de composição distribuída em várias instituições, bem como se verifica um silêncio normativo em relação a um modelo híbrido de sistemas (Abreu Júnior, 2017, p. 40).

Tais lacunas identificadas por Fialho (2005) e Abreu Júnior (2017), tanto na literatura quanto na legislação atinente à temática da universidade multicampi, apontam para a necessidade de a multicampia universitária ser cada vez mais encampada como objeto de estudos, de maneira que se possa compreender o fenômeno com a profundidade e o rigor teórico-metodológico necessários.

Isso se torna mais evidente quando constatamos a crescente importância que o modelo universitário multicampi vem adquirindo no país ao longo de nossa história, em especial a partir da primeira década dos anos 2000, quando, por meio do Programa de Expansão da Educação Superior Pública Fase I (Expandir) e do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), entre outras ações levadas a efeito pelo governo federal, experimentou-se um processo de expansão das universidades federais em uma proporção e velocidade bem maiores do que até então se via, conforme atestam estudos como os de Bizerril (2020) e Sousa (2011).

Certamente, para o propósito e espaço deste trabalho, não cabe procedermos a uma análise de mérito acerca de eventuais êxitos e dilemas

dos programas citados. Contudo, a menção é necessária pela incontestável relevância de tais ações no processo de fortalecimento do modelo universitário multicampi, muito embora esse movimento já se fizesse presente, em alguma medida, anteriormente no país.

Mediante o exposto e tendo em vista as características historicamente metamórficas da universidade pública brasileira e de sua dinâmica de expansão, realizamos um exercício aproximativo entre o conceito de universidade multicampi e o conceito de rizoma, este último desenvolvido no campo filosófico por Deleuze e Guattari, notadamente na obra “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia” (1995). Assim, com base nesse recorte teórico e tomando como referência a Universidade Federal do Pará (UFPA), definimos como objetivo central deste estudo analisar a configuração multicampi, característica da expansão das universidades públicas brasileiras, à luz do conceito deleuze-guattariano de rizoma.

Para desenvolver essa reflexão, apresentamos no próximo tópico a construção do conceito de rizoma na perspectiva de Deleuze e Guattari, destacando alguns de seus aspectos centrais; ainda no mesmo tópico, recuperamos, com base em autores que discutem a multicampia universitária, elementos que constituem a história da construção desse conceito, bem como as dificuldades relacionadas à sua definição; e, no tópico seguinte, focando na UFPA, buscamos algumas inferências teóricas para analisar em que aspectos poderíamos considerar a instituição a partir de uma perspectiva rizomática, bem como tensões arborescentes que nela se fazem presentes.

O conceito de rizoma em Deleuze e Guattari e sua potencial aplicação no âmbito de uma universidade multicampi

A ideia de rizoma, adaptada da Botânica para a Filosofia por Deleuze e Guattari (1995), produz uma contribuição que vem sendo incorporada a diferentes campos do conhecimento, conforme constatarem pesquisadores como Souza (2012). Ao se referir a essa apropriação conceitual em diferentes contextos, o autor alerta para o fato de que, não raro,

[...] existe um descuido no trato deste conceito, muitas vezes confundido e deformado, talvez por conta de leituras secundárias, pois os autores (Deleuze e Guattari) são equivocadamente, digamos assim, considerados difíceis, mas também pela complexidade de sua definição, pois este conceito (Rizoma) não é apresentado de maneira única nem enciclopédica pelos autores, apesar deste conceito figurar entre os capítulos de sua principal obra (Mil Platôs), mas sim em dimensões distintas de apresentação, ao longo de suas obras num contínuo evolutivo (Souza, 2012, p. 236).

Essa observação nos remete à necessidade de apresentar as reflexões aqui propostas como um exercício aproximativo que, ao mesmo tempo em que busca eventuais convergências entre a multicampia universitária e o rizoma, não desconsidera a existência de zonas limítrofes da abordagem (como haveria de ser em qualquer outra incursão desse tipo).

Para o propósito deste trabalho, interessa-nos a possível aplicação do conceito de rizoma ao estudo das organizações para que possamos, partindo dessa linha mais geral, chegar ao tipo específico de organização que nos move nesta empreitada: a universidade pública multicampi.

Nesse sentido, convém recuperarmos alguns elementos que Deleuze e Guattari (1995) apresentam na constituição daquilo que denominaram rizoma. Os autores propõem a terminologia como uma maneira, para eles inovadora, de conceber o processo de produção/disseminação do conhecimento e, de forma mais ampla, o próprio ciclo vital, levando em consideração toda sorte de movimentos e conexões que se estabelecem no fluxo histórico da realidade objetiva em ligação com as intersubjetividades, de modo sempre dinâmico e inovador, apontando permanentemente na direção do devir e opondo-se, portanto, a formas de pensar cristalizadas, que compreendem a realidade como algo dado, estático e assentado em verdades absolutas e inexoráveis.

Um rizoma consiste em um tipo de caule subterrâneo que, armazenando seus nutrientes, cresce e se expande horizontalmente, de forma paralela ao solo, sem direção predeterminada. Esse crescimento dá origem a uma espécie de rede, na qual se entrecruzam linhas ramificadas, resultantes do alongamento progressivo da estrutura, configurando um sistema que se

revela mais complexo à medida que se expande. Por essa razão, torna-se inoportuna a tarefa de apontar onde esse sistema se inicia ou termina, bem como identificar um núcleo definido, dada sua natureza eminentemente move-dição. As plantas gramíneas são exemplos desse tipo de estrutura.

Ao proporem a analogia, Deleuze e Guattari questionam frontalmente aquilo que denominam modelo arborescente que, diferentemente do rizoma, desenvolve-se em uma perspectiva hierarquizante, semelhante à estrutura de uma árvore, na qual raízes, caule, galhos e folhas seguem uma lógica vertical. Nesse modelo, os elementos se comunicam de maneira mais limitada, estabelecendo relações apenas com o elemento imediatamente anterior ou posterior. Assim,

[...] os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que com-
portam centros de significância e de subjetivação, autômatos
centrais como memórias organizadas. Acontece que os modelos
correspondentes são tais que um elemento só recebe suas infor-
mações de uma unidade superior e uma atribuição subjetiva de
ligações preestabelecidas (Deleuze; Guattari, 1995, p. 36).

6

Opondo-se a essa forma de compreensão da realidade, os autores chamam a atenção para o fato de esse modelo ser historicamente o predomi-nante na tradição ocidental.

É curioso como a árvore dominou a realidade ocidental e todo
o pensamento ocidental, da botânica à biologia, a anatomia,
mas também a gnoseologia, a teologia, a ontologia, toda a filo-
sofia....: o fundamento-raiz [...] (Deleuze; Guattari, 1995, p. 38).

Tal constatação evidencia a preocupação e o esforço dos autores na construção de uma lógica de pensamento radicalmente diferente do que, na sua percepção, configurava-se como um modelo retrógrado e limitado, embora ainda dominante. Fazia-se necessário, então, a elaboração de um esquema de pensamento assentado em uma nova base teórica e também em uma nova postura frente ao ato de conhecer, que desembocariam na lógica rizomática.

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta
um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus

traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência [...] (Deleuze; Guattari, 1995, p. 43).

Assim entendido, o rizoma se constitui, na concepção dos autores, em uma antigenealogia, com um caráter genuinamente subversivo, no que diz respeito a ir na contramão do que caracterizava o entendimento hegemônico até então.

A aplicação dessa lógica rizomática de pensamento tem sido experimentada em diferentes campos do conhecimento. No que tange ao estudo das organizações, trabalhos como os de Barreto, Carrieri e Romagnoli (2020) apontam possibilidades e também cuidados necessários no trato do referido esquema conceitual. Ao citarem alguns estudos realizados, os autores percebem que “[...] essa utilização é ainda tímida, especialmente no contexto da produção nacional” (Barreto; Carrieri; Romagnoli, 2020, p. 57).

Não obstante, apresentam duas proposições como possibilidades de utilização do rizoma na pesquisa em estudos organizacionais. Para os autores: “A primeira proposição refere-se ao uso de uma postura rizomática na pesquisa, enquanto a segunda seria a utilização do rizoma como operador metodológico” (Barreto; Carrieri; Romagnoli, 2020, p. 54).

A primeira proposição refere-se à postura do pesquisador perante a realidade e, portanto, o seu objeto de estudo, entendendo-o como dinâmico, metamórfico e dotado de complexidades, que se alteram continuamente no espaço e no tempo históricos. Trata-se de desenvolver um olhar rizomático, “[...] aberto à recursividade, ao inesperado e, conseqüentemente, à reelaboração” (Barreto; Carrieri; Romagnoli, 2020, p. 55). Dessa postura, advêm duas implicações importantes: a realização constante de (re)aproximações com o objeto e os sujeitos de pesquisa e a consciência da provisoriedade dos resultados, haja vista a natureza inacabada do processo investigativo. Assim, quem se propõe, por exemplo, a estudar a organização universitária

enquanto um possível rizoma deve incorporar essa ideia à própria postura de investigador.

Barreto, Carrieri e Romagnoli (2020) também propõem a retomada do próprio conceito de rizoma como operador metodológico, elucidando seus elementos constitutivos, buscando possíveis pontos de convergência que apontem “[...] um caminho de possibilidades para a leitura dos fenômenos organizacionais por intermédio das lentes do rizoma” (Barreto; Carrieri; Romagnoli, 2020, p. 56). Esse é o exercício que buscamos realizar.

Desse modo, feita a exposição, ainda que panorâmica, da acepção filosófica do rizoma, convém também elucidar, de maneira um pouco mais detida, o conceito de multicampia universitária. Para tanto, recorreremos às contribuições de Abreu Júnior (2017), segundo o qual,

[...] no Brasil, o formato multicampi vem se apresentando como o formato predominante nas universidades públicas brasileiras e, via de regra, historicamente constituído a partir da junção de estabelecimentos de educação superior, antes isolados, ou pela incorporação de instituições menores por outra maior. Também observamos a criação de campi que nascem a partir de atividades experimentais ou campi avançados e que, ao se consolidarem em seus processos acadêmicos, assumem a existência perene e apendicular à instituição criadora (Abreu Júnior, 2017, p. 22).

Em sua pesquisa de doutorado, o autor identifica uma lacuna na literatura sobre a temática, que, a seu ver, não trata a multicampia com o devido foco nas suas singularidades e não evidencia, portanto, as peculiaridades que distinguem os modos de funcionamento e a dinâmica das instituições que adotam esse formato organizativo e estrutural. A esse respeito,

[...] não foram encontrados na literatura especializada estudos sobre a adequação de formatos institucionais por parte das universidades. A pouca literatura trata das instituições multicampi como se elas pertencessem a uma categoria simples, sem qualquer referência que distinguisse os diferentes formatos multicampi, sendo tratadas como se fossem semelhantes ou pertencentes a um mesmo bloco monolítico (Abreu Júnior, 2017, p. 29).

Tal constatação também já era desenvolvida por Fialho (2005). Em uma obra resultante de seu estudo de doutorado, a autora empreende um esforço muito significativo nesse âmbito ao sustentar que a designação multicampi necessita comportar um sentido mais profundo para além do entendimento mais recorrente e também redutivo de que se refere a um conglomerado composto por um conjunto de campi cuja estrutura se encontra espalhada em distintos territórios, sejam bairros ou municípios. Também é isso, mas é bem mais: implica a assunção do sentido de organicidade como dimensão intrínseca à multicampia e que nela se faz ecoar. A autora, para reforçar essa ideia, justifica o uso do termo “multi”, em vez de “pluri” ou outro semelhante, como designativo mais apropriado para a composição do termo multicampi, justamente por representar melhor o sentido mais profundo do conceito, na sua visão.

[...] a configuração multicampi comporta uma dimensão multian-
gular. Não basta, portanto, espalhar, no território, muitas unidades
e reuni-las sob a designação de universidade multicampi para
constituí-la como universidade e como universidade multicampi. Ao
sugerirmos o confronto de significados entre os termos multicampi
e pluricampi, indicávamos que, para além dessa pluralidade de
unidades dispersamente fixadas no território, a designação deve
apontar para uma certa organicidade do modelo universitário, na
perspectiva mesmo da própria história da universidade em geral
e, particularmente, na história da universidade brasileira (Fialho,
2005, p. 56).

A constituição de universidade pública em uma configuração mul-
ticampi exige, por sua própria natureza, a capacidade de responder às
demandas e especificidades de cada município/região em que se instale, o
que implica tomar a forma do lugar onde está, no sentido de incorporar e tra-
duzir em si, em seu planejamento e ações, a materialidade social, histórica,
cultural e econômica dos mais diferentes territórios em que esteja presente.
Mas, ao mesmo tempo, deve assumir a responsabilidade de não perder de
vista a missão, a visão, os valores e os objetivos expressos nos seus docu-
mentos gerenciais que valem para todas as unidades que façam parte de sua
composição, independentemente de onde estejam situadas.

A universidade pública necessita ofertar ensino, pesquisa e extensão de qualidade em todos os seus campi e demais unidades e, portanto, manter uma permanente conexão com as comunidades nas quais se insere. Para isso, é igualmente necessário que as conexões internas entre seus membros, instâncias e processos sejam tão fluidas quanto possível. Nesse movimento, impõe-se compreendê-la como uma organização que dispõe de autonomia didático-científica, administrativa, financeira e patrimonial asseguradas na legislação nacional (Brasil, 1988, 1996). Ao mesmo tempo, os seus níveis de autonomia são recorrentemente relativizados direta e indiretamente, seja por mecanismos governamentais de regulação e avaliação externa, seja por instrumentos vinculados à agenda do capital internacional, expressa em recomendações de organismos multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

Trata-se, por essas e outras razões, de um tipo de instituição atravessada por níveis de complexidade tão sofisticados que o exercício de reflexão sobre seu funcionamento tende a ser comprometido quando submetido a lentes teóricas que tomam as organizações de forma mais limitada, estática e funcional. Segundo Leitão (1985), a questão universitária envolve um tratamento multidisciplinar, assim, é razoável considerar que até as formulações teóricas com teor mais funcionalista e/ou mecanicista podem oferecer contribuições válidas. Contudo, parece-nos que a dinâmica universitária requer modelos capazes de melhor captar a efervescência das multiplicidades que atravessam os espaços e tempos da universidade.

Ao tratar das limitações das abordagens mecanicistas, Fialho assim as descreve:

Nestas, por exemplo, ignora-se, com frequência, o papel que desempenha o meio-ambiente, até porque, em muitas das suas concepções, a organização é vista como um sistema fechado, resultante da junção de partes várias que, em alguns pontos, se conectam; a racionalidade burocrática é restrita e, em geral, circunscrita ao planejamento, fragmentando a compreensão de problemas complexos, limitando a avaliação e o controle sobre um único segmento; o processo de mudança organizacional é entendido como mudança de tecnologia ou de motivação, excluindo elementos como atitudes, valores, imagens, ou utilizando a cultura organizacional como ferramenta de manipulação instrumental (Fialho, 2005, p. 67).

Não cabe, para nosso propósito, elencar abordagens mecanicistas, tampouco enveredar na análise de seus limites. Convém, sim, reforçar o potencial contributivo das abordagens que buscam compreender nas organizações (especificamente a universidade multicampi) aquilo que as constitui enquanto movimento, complexidade e metamorfose. A nosso ver, a visão rizomática deleuze-guattariana, em razão de sua proposta e características, pode ser elucidativa no trato das complexas e dinâmicas multiplicidades que se entrecruzam no espaço multicampi da universidade pública, ainda que também apresente limitações como qualquer outra abordagem.

A Universidade Federal do Pará como instituição multicampi: um rizoma?

A Universidade Federal do Pará (UFPA), criada em 2 de julho de 1957, com sede na capital Belém, conta atualmente com uma estrutura multicampi composta por doze campi instalados em diferentes regiões do estado do Pará, além de dezesseis institutos, dois hospitais universitários e um hospital veterinário, uma escola de aplicação, uma escola de música, uma escola de teatro e dança, clínicas, laboratórios, um teatro, um museu, uma galeria de arte e serviços variados de atendimento à comunidade. A instituição oferta 154 cursos de graduação, 100 cursos de mestrado e 55 de doutorado, perfazendo um total de 50 mil alunos, distribuídos entre graduação, pós-graduação, educação básica, técnica e tecnológica. Para atender a toda essa demanda, conta com um quadro funcional composto por 2.997 docentes e 2.458 técnicos, além de pessoal de apoio terceirizado em serviços como limpeza e vigilância (UFPA, 2024).

Em um exercício de analogia teórica, poderíamos afirmar que essa estrutura gigantesca, com sua configuração organizacional e geográfica – hoje presente em oitenta e dois municípios paraenses – poderia ser compreendida como um rizoma, na acepção proposta por Deleuze e Guattari (1995)?

Para realizar essa reflexão, levantamos os princípios que, para os autores supramencionados, são constituintes de uma estrutura rizomática, a saber: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante,

cartografia e decalcomania, que serão descritos e analisados mais adiante no texto. Com base nesse plano teórico, adicionamos também elementos que saltam de nossas vivências enquanto sujeitos partícipes do cotidiano da UFPA: um dos autores do estudo é docente, oriundo de um campus do interior, no município de Cametá, nordeste paraense; o outro, técnico em assuntos educacionais, oriundo de um campus situado no município de Breves, a sudoeste do arquipélago do Marajó, uma das unidades do interior de mais difícil acesso em relação à capital Belém, cujo deslocamento se realiza quase exclusivamente via transporte fluvial, em um percurso que dura doze horas, em média.

Do confronto dessa base empírica, de sujeitos forjados na interiorização universitária que somos, com o aporte conceitual deleuze-guattariano, buscamos tecer algumas reflexões a respeito do possível alcance e dos limites à interpretação do fenômeno da multicampia à luz da lógica rizomática.

Nesse sentido, é importante ressaltar que “[...] existem nós de arborescência nos rizomas, empuxos rizomáticos nas raízes” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 42), o que implica dizer que não há um modelo “puro”, haja vista que podem surgir rizomas a partir de estruturas arborescentes, assim como há arborescências no interior de estruturas ditas rizomáticas.

Tendo isso em vista e para efeito de uma apresentação mais didática e objetiva das ideias a seguir, utilizaremos o termo “manifestações rizomáticas” para nos referirmos a situações, características e traços da universidade que remetam a uma aproximação com a constituição de um rizoma; e, por outro lado, empregaremos a expressão “tensões arborescentes” para tratar de aspectos que, em nosso entendimento, distanciam a instituição do sentido rizomático.

Princípio de conexão

O primeiro dos princípios constituintes do rizoma é o de conexão: “[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 22). Entendemos que, na sua configuração multicampi, a UFPA adquire mais força e riqueza enquanto produtora

e socializadora de conhecimentos quanto maior é sua capacidade de estabelecer conexões entre saberes e experiências oriundas de seus diferentes institutos, campi e demais unidades, nas mais diversas regiões do estado. Essas conexões se fazem presentes também no seu próprio formato de gestão colegiada, em que as múltiplas unidades acadêmicas e categorias que compõem a comunidade universitária possuem representatividade no processo decisório, evidenciando uma manifestação rizomática.

Iniciativas como o Fórum de Coordenadores e Coordenadoras dos Campi, atividade prevista no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (UFPA, 2017) com o propósito de aperfeiçoar e integrar a gestão, podem também ser consideradas ferramentas que potencializam o princípio rizomático da conexão, ao reunir regularmente, de modo itinerante, lideranças da universidade em diferentes regiões do estado. A 40ª edição do Fórum, a mais recente, foi realizada em abril de 2026, no Campus Universitário do Marajó – Breves.

Como veículos potencializadores do princípio da conexão ainda podem ser citados os diversos sistemas de processamento de dados da instituição, que permitem uma comunicação em tempo real entre diferentes unidades e segmentos funcionais da universidade, a exemplo do Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos (Sipac), Sistema de Atendimento (Sagitta), Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa), Sistema Geral de Assistência Estudantil (Sigaest), entre outros. Esses sistemas promovem uma maior agilidade nos fluxos de processos, contribuindo para um certo senso de proximidade e organicidade, atenuando, ao menos em parte, as dificuldades no deslocamento geográfico, derivadas da enorme extensão territorial do estado. Essa participação da tecnologia via sistemas de processamento configura também, a nosso ver, uma manifestação rizomática.

Já no segmento discente, mais especificamente na graduação, um potencial estimulador do princípio da conexão como manifestação rizomática é a flexibilização curricular, cujas diretrizes foram aprovadas pela Resolução nº. 5.107/2018, do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe), possibilitando um maior trânsito discente entre diferentes cursos e fomentando, assim, a troca de experiências e saberes. Mas o que se pode visualizar quanto às tensões arborescentes com o escopo do princípio da conexão?

Aqui cabe mencionar que, não obstante as manifestações rizomáticas que fomentam a conexão, há, sim, muitas tensões arborescentes de grande resistência em meio a essa dinâmica. Não se pode negar que as próprias características geográficas do estado, associadas ao histórico déficit infraestrutural nos transportes, por si só, já dificultam em demasia o deslocamento entre as mais longínquas unidades da instituição.

Discorremos sobre a tecnologia e sua importância, entretanto, também é fato que para muitos discentes a conexão entendida como princípio rizomático se torna comprometida, sobretudo para aqueles oriundos de camadas em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica e, mais ainda, de populações ribeirinhas, quilombolas e indígenas, onde, não raro, o acesso à internet inexistente ou é precário. O que para muitos estudantes é um ato simples e corriqueiro de, por meio do celular, estar conectado à universidade, acessar seus editais, entrar no Sigaest e se inscrever nas ações de assistência estudantil, para outros, que por vezes sequer possuem celular, a situação é diferente. É, assim, um desafio para a universidade compreender que esse tipo de situação também pulsa em seu interior e precisa ser assimilado, ressignificado e transformado.

14

A mencionada flexibilização curricular só há de se fortalecer como manifestação rizomática de conexão a partir da junção de esforços entre as diferentes unidades, cursos e áreas de conhecimento, no sentido de dar concretude maior àquilo que já está previsto nos marcos regulatórios institucionais. Incentivar e implementar o trânsito discente pela instituição como instrumento de enriquecimento nos processos formativos requer um interesse genuíno e sinérgico, desde o planejamento à execução e à avaliação de tais medidas, assim como requer também disponibilidade orçamentária. Embora seja óbvio, devemos lembrar que a máquina do rizoma universitário não funciona a contento sem o combustível do financiamento.

Certamente outras tensões arborescentes poderiam ser citadas, assim como outras evidências rizomáticas, mas parece-nos suficiente o que foi apresentado até aqui em relação a esse aspecto para o presente propósito.

Princípio de heterogeneidade

Ao tratar da manifestação da heterogeneidade enquanto princípio rizomático, uma das passagens mais elucidativas da obra “Mil platôs” é a que segue:

Os esquemas de evolução não se fariam mais somente segundo modelos de descendência arborescente, indo do menos diferenciado ao mais diferenciado, mas segundo um rizoma que opera imediatamente no heterogêneo e salta de uma linha já diferenciada a uma outra (Deleuze; Guattari, 1995, p. 27).

Assim entendida, a heterogeneidade é uma condição da própria universidade, posto que intrínseca à sua natureza e, portanto, um princípio motriz no seu rizoma identitário. Não por acaso, consta no seu PDI que o respeito à ética e à diversidade étnica, cultural, biológica, de gênero e de orientação sexual, bem como o pluralismo de ideias e de pensamento está entre os seus princípios norteadores (UFPA, 2017). A heterogeneidade, por essa ótica, já se evidencia como manifestação rizomática no principal documento de planejamento e ação institucional.

Também no campo do princípio da heterogeneidade, outra manifestação rizomática evidente e de grande relevância é a ação sistemática que tem sido levada a efeito pela universidade nos últimos anos, no campo das políticas afirmativas, fortalecendo e alavancando a presença dos mais variados grupos populacionais na instituição, sobretudo daqueles em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica, a quem, por muito tempo, o direito ao ensino superior foi praticamente impossibilitado no país. Dessa forma, as cotas para estudantes de escolas públicas, para pessoas com baixa renda, para pessoas com deficiências e as cotas raciais, bem como os processos seletivos especiais destinados a povos originários e populações e comunidades tradicionais permitiram a elevação da heterogeneidade estudantil a outro patamar, possibilitando que estudantes de baixa renda, negros, indígenas, quilombolas, PCDs pudessem ingressar na universidade, em cursos das mais variadas áreas do conhecimento, inclusive naqueles que, outrora, eram quase exclusividade de discentes oriundos de famílias de elevada renda e em plenas condições de saúde física e mental.

Em relação a esse princípio, uma das grandes tensões arborescentes está, em nosso entender, no desafio da garantia não só do acesso, mas da permanência estudantil e consequente conclusão dos cursos, o que repercutirá inequivocamente nas taxas de sucesso, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Especialmente no caso da graduação, isso passa necessariamente pela assistência estudantil que, nessa perspectiva, se notabiliza como um dos elementos angulares (embora evidentemente não seja o único) da defesa da heterogeneidade na instituição.

Outra tensão arborescente que incide sobre o princípio da heterogeneidade manifesta-se na padronização normativa da instituição. Se por um lado ela é necessária para manter o senso de unidade em cada setor em que a universidade se faz presente, por outro pode comprometer seriamente e até inviabilizar a manifestação espontânea e livre, no plano institucional, das singularidades próprias de cada território paraense, se for tratada com rigor inflexível. Essa tensão se torna ainda mais grave se a padronização tiver como base única e inexorável as necessidades acadêmicas, administrativas e pedagógicas da capital e sua realidade metropolitana.

16

Princípio de multiplicidade

Seguindo na caracterização dos elementos do rizoma, Deleuze e Guattari tratam agora da multiplicidade, começando por afirmar que

[...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo (Deleuze; Guattari, 1995, p. 23).

Depreendemos desse enunciado que a ideia de “multiplicidade” não é tomada em sentido adjetivante como uma simples soma de unidades outrora isoladas ou dispersas, mas como a coisa em si mesma (daí a ideia de substantivação) que se (re)faz em permanente movimento de expansão. É a manifestação do rizoma se (re)construindo a todo momento no entrecruzar de suas linhas, por meio de agenciamentos, conforme nos mostram Deleuze e Guattari (1995, p. 24): “Um agenciamento é precisamente este crescimento

das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”.

Diríamos que, pela lógica rizomática, tudo que constitui a ambiência universitária (sua estrutura, os sujeitos, as ideologias, as relações de poder, os instrumentos normativos etc.) é impregnado de características que, ao se conectarem em movimento contínuo, criam agenciamentos que vão ressignificando o sentido e a atuação da universidade no tempo histórico.

Com efeito, a força da multiplicidade enquanto manifestação rizomática advém justamente das singularidades de cada região em que a UFPA se instala, dos diferentes povos que a compõem e de suas diversas culturas e temporalidades. Esses elementos se reincorporam permanentemente ao seu conjunto e o remodelam, conferindo-lhe sucessivamente novos sentidos identitários em uma multiplicidade cada vez mais complexa.

E aqui também há de se perguntar que tensões arborescentes se fazem perceber em relação ao princípio da multiplicidade. A esse respeito, uma tensão bastante evidente é a concentração do poder decisório no campus sede, em Belém, não somente por constituir o núcleo da gestão institucional, mas também por congregar o maior número de faculdades, cursos, discentes, servidores e representantes nos órgãos decisórios. Tal configuração gera, em torno dessa unidade, uma espécie de força gravitacional para a qual as demais são atraídas e convergem.

Ora, sabendo que a lógica do rizoma não é a da convergência gravitacional unidirecional, mas a da irradiação permanente de multiplicidade em distintas direções por meio de agenciamentos, a sede da UFPA se reveste de um potencial ambivalente. Sua atuação será tão mais rizomática quanto maior for sua capacidade de neutralizar os efeitos dessa força gravitacional, usando o poder de que dispõe para projetá-lo para fora de si, estimulando e irradiando novos agenciamentos rumo às margens do rizoma, empoderando-as e nutrindo a multiplicidade do sistema em expansão. Por outro lado, sua ação enquanto sede poderá ser tão mais arborescente quanto mais se projetar para si mesma, nutrindo o poder decisório com a já tão conhecida lógica verticalizante, unidirecional e inexorável, que desestimula novos agenciamentos, empobrece a multiplicidade e, por consequência, descaracteriza o rizoma.

Princípio de ruptura assignificante

Esse princípio nos lembra do processo de interiorização da UFPA, com o surgimento de novas unidades (campi, institutos, núcleos e polos). Vejamos o que afirmam Deleuze e Guattari (1995) em relação a esse princípio:

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. [...] Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras (Deleuze; Guattari, 1995, p. 25-26).

18 A expansão histórica da estrutura dessa Universidade parece demonstrar, em nossa analogia, esses movimentos de ruptura, desterritorialização e reterritorialização por meio de linhas de fuga que têm resultado em novas unidades acadêmicas e administrativas: os núcleos, ao alcançarem um certo nível de maturidade organizacional, infraestrutural e relevância estratégica, convertem-se em novos campi (como foi o caso do de Breves). Determinados campi, por seu turno, ao atingirem maiores níveis de complexificação, criam novos institutos e assim por diante. Inclusive, vale citar que três unidades, que outrora se constituíam como campi da UFPA, converteram-se em novas universidades federais: Santarém (Universidade Federal do Oeste do Pará), Marabá (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) e Macapá (Universidade Federal do Amapá).

Diríamos, ainda, que apesar dessas rupturas, essas instituições permanecem fazendo parte do rizoma, pois mantêm a cooperação interinstitucional, que é vital ao fortalecimento da rede. Ao mesmo tempo, outros campi se preparam e se projetam, com seus agenciamentos, para novas rupturas, almejando também se tornarem novas universidades, ao passo que novos cursos, polos e outras unidades vão surgindo e ampliando a rede/rizoma.

Nesse movimento, tem se notabilizado a abertura de um número crescente de polos em municípios vizinhos àqueles que possuem campus, o que muitos gestores têm nomeado informalmente de “interiorização da interiorização”. No caso do município de Breves, por exemplo, a oferta de turmas nas cidades vizinhas de Melgaço, Portel, Curralinho, Bagre, entre outras, reflete bem isso. Em uma leitura deleuze-guattariana, poder-se-ia nomear como novas “rupturas significantes” a amplificarem o alcance do rizoma.

Mas não pensemos que o caminho está plena e permanentemente aberto para essas rupturas. Ao contrário, cada nova ramificação que se abre, constitui-se por meio de muito sacrifício e precisa lançar mão do mesmo esforço (ou até maior) para se manter e se consolidar. É aqui que entram em cena, novamente, as tensões arborescentes: os campi do interior não possuem dotação orçamentária própria e, sem autonomia financeira, dependem diretamente do campus sede, inclusive para resolução de questões triviais do cotidiano. Esse cenário inevitavelmente aponta para uma lógica gestora verticalizante, que, por sua vez, está subordinada a uma estrutura verticalizante ainda maior, que é a da administração pública federal no seu conjunto.

19

Princípios de cartografia e de decalcomania

Apresentamos esses dois últimos princípios conjuntamente, assim como o fazem Deleuze e Guattari, pelo fato de serem entendidos como a antinomia um do outro. Os autores concebem o decalque como algo eminentemente reprodutivo, estático e, portanto, o associam à lógica da árvore, enquanto o mapa representaria mais adequadamente a lógica do rizoma.

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas [...] (Deleuze; Guattari, 1995, p. 30).

Ora, uma universidade espreada por realidades tão diversas, pode e deve ter uma conotação cartográfica de maneira a ser uma promotora e representante de cada cultura, povo e lugar em que se insere, configurando um mapa que nunca está pronto, pois resulta de uma realidade que se refaz continuamente. Essa forma dinâmica de conceber o mapa como expressão do rizoma nos remete ao caso do campus universitário de Macapá que, como já citado, veio a se transformar na Universidade Federal do Amapá. Retomamos o exemplo porque nos parece um caso emblemático de como a UFPA não se limitou pela demarcação geográfica do estado do Pará e foi além das fronteiras, abrindo uma ramificação no estado vizinho, em nome de uma causa maior, que é a sua missão social, agindo como um mapa aberto e dinâmico. Isso é rizomático!

Atuar como mapa, nessa acepção, é atuar contra-hegemonicamente, pois as forças hegemônicas que operam no contexto histórico, político e social em que a universidade se insere e se (re)faz a empurram sistematicamente para a lógica do decalque e da reprodução mecânica. Nessa direção,

20

[...] um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre "ao mesmo". [...] O decalque já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa. Por isto ele é tão perigoso. Ele injeta redundâncias e as propaga (Deleuze; Guattari, p. 30-31-32).

Pensando no sentido reprodutivo do decalque, podemos também inferir algumas tensões arborescentes em meio à dinâmica da universidade. Assim, em que pese a sua gestão colegiada e os espaços de diálogo, a sua governança permanece atravessada por uma lógica piramidal e hierarquizante, que reproduz o modo de funcionamento padrão de toda a gestão pública em seus mais diferentes setores e configurações organizativas. Analisando por essa perspectiva, até mesmo a autonomia universitária, constitucionalmente prevista, se mostra relativa e potencialmente fragilizada, a depender de como se configuram as instâncias superiores do poder público.

Lembremos, por exemplo, que o processo de abertura de novos cursos depende diretamente de órgãos centrais vinculados ao Ministério da Educação e que tais órgãos, por não conhecerem ou não entenderem o suficiente as necessidades específicas de cada localidade, sempre podem

incorrer no risco de inobservância a aspectos importantes em suas avaliações, ao passo que o poder de voz das universidades para reverter eventuais anomalias das decisões dos órgãos reguladores pode, não raro, se mostrar insuficiente.

Mas, para muito além da abertura de cursos e de seus mecanismos de avaliação, o conjunto de instrumentos normativos externos revela o alinhamento da gestão pública, desde o seu mais alto escalão, a uma perspectiva gerencialista de administração que, por seu turno, está diretamente atrelada à agenda do grande capital internacional e de seus organismos multilaterais, conforme mencionado em outro momento. Os documentos exigidos às universidades em modelos predeterminados (a exemplo do Plano de Desenvolvimento Institucional) indicam claramente o sentido que a gestão universitária deve tomar, bem como a forma de concepção de seu organograma, de elaboração de metas e ações e de condução de seus processos avaliativos, tudo a ser reproduzido mecanicamente, como um decalque, parametrizado por uma lógica verticalizante (arborescente) importada do mundo corporativo, em que tudo se torna capital, inclusive o humano.

21

Considerações finais

O exercício aqui empreendido buscou demonstrar a possibilidade de se analisar a organização universitária multicampi a partir da perspectiva deleuze-guattariana do rizoma. Ao direcionarmos nosso olhar para a Universidade Federal do Pará em seu modelo de funcionamento e de expansão e analisarmos essa realidade sob a lente dos princípios que compõem o rizoma em Deleuze e Guattari, percebemos elementos rizomáticos convivendo com manifestações arborescentes na dinâmica universitária multicampi. Isso revela um espaço que reproduz em si a permanente luta entre forças antagônicas da sociedade, expressão da luta de classes e de distintos projetos societários em disputa de hegemonia.

Entendemos, assim, que há um potencial contributivo das formulações deleuze-guattarianas para o estudo organizacional da educação superior e, particularmente, para a compreensão da estrutura multicampi, ao permitirem clarificar a tensão contínua que perpassa a teia universitária e que a

ressignifica permanentemente na correlação das forças que a atravessam e a constituem sob a ótica do rizoma.

Cientes das limitações inerentes a quaisquer perspectivas teóricas de análise, compreendemos também que a riqueza e o alcance das ideias de Deleuze e Guattari apontam um terreno fértil para o aprofundamento da discussão aqui realizada, com o descortinamento de outras questões investigativas, outros trabalhos, inclusive de maior extensão, para um melhor entendimento do quão promissor pode se revelar o estudo da multicampia a partir da perspectiva do rizoma, bem como para um esclarecimento mais refinado quanto aos limites dessa abordagem.

É importante destacar, ainda, que a produção deleuze-guattariana faz parte de uma matriz teórica que recorrentemente tem sido referenciada como pós-estruturalista e que tem, naturalmente, suas convergências e divergências com outros modelos de interpretação científica do mundo e dos fenômenos sociais, a exemplo do materialismo histórico-dialético. Essa é, contudo, uma discussão que está além do objetivo deste trabalho. É pertinente, no entanto, reforçar que a contribuição de trabalhos que partam de diferentes matrizes teóricas e epistemológicas pode ser bastante enriquecedora, frente à mencionada incipiência de literatura especializada em torno da temática universidade multicampi.

22

Referências

ABREU JÚNIOR, Nelson. **Universidade multicampi e sua gestão acadêmica**: o caso da Universidade Estadual de Goiás. 2017. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BARRETO, Raquel de Oliveira; CARRIERI, Alexandre de Pádua; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 47-60, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/J3Xkzp43F43qC6SxgTgq8nP/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BIZERRIL, Marcelo Ximenes Aguiar. O processo de expansão e interiorização das universidades federais brasileiras e seus desdobramentos. **Revista Tempos Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-15, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/13456>. Acesso em: 2 set. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção I. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 8 jul. 2025

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (v. 1).

FIALHO, Nadia Hage. **Universidade multicampi**. Brasília: Autores Associados/Plano Editora, 2005.

LEITÃO, Sérgio Proença. A questão organizacional na universidade: as contribuições de Etzioni e Rice. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 3-26, ago. 1985. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/10050>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SOUZA, Maria Páscoa Sarmento de. **Expansão da Educação Superior no Pará: programas EXPANDIR e REUNI e a composição do quadro docente dos campi da Universidade Federal do Pará (2001 e 2010)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 18, p. 234-259, maio/out. 2012. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/rizoma-deleuze-guattariano-representacao-conceito-e-algumas-2h0zid-v4ua.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Apresentação**. Belém, 2024. Disponível em: <https://ufpa.br/apresentacao/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional PDI 2016-2025**. Belém, 2017. Disponível em: <https://pdi.ufpa.br/pdis-antiores/pdi-2016-2025>. Acesso em: 1º fev. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Resolução nº 5.107, de 26 de outubro de 2018**. Aprova as Diretrizes para a Flexibilização Curricular dos Cursos de Graduação da UFPA. Belém, 2018. Disponível em: <http://www.proeg.ufpa.br/noticias/228-resolucao-n-5-107>. Acesso em: 1º fev. 2026.

Me. João Marcelino Pantoja Rodrigues

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Federal do Pará (Brasil)

Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTe)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8168-8596>

E-mail: joaompr@ufpa.br

Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva

Universidade Federal do Pará (Brasil)

Programa de Pós-Graduação em Educação

Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTe)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9814-9089>

E-mail: gpsilva@ufpa.br

Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível B

Aceito em 21 jul. 2026

Recebido em 6 abr. 2026

